

## ARTIGO DE LITERATURA

### Feira de São Joaquim: Pedaco da África na Bahia

Antonio Mateus Soares<sup>1</sup>

#### ÁGUA DE MENINOS

*Por cima da feira, as nuvens  
Atrás da feira, a cidade,  
Na frente da feira o mar  
Atrás do mar, a marinha  
Atrás da marinha, o moinho  
Atrás do moinho o governo  
Que quis a feira acabar / bis*

*Dentro da feira, o povo  
Dentro do povo, a moça  
Dentro da moça, a noiva  
Vestida de rendas, ô  
Abre a roda pra sambar*

Gilberto Gil (1967)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Coordenador da Coleção Bizu Temático; Sociólogo, urbanista, mestre pela Universidade de São Paulo (USP), com créditos realizados também na Universidade de Campinas (Unicamp) e na Universidade Federal de São Carlos (Ufscar); possui diversos cursos de extensão, incluindo-se o de Metodologia Quantitativa, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Faculdade Social (FSVA) e da Faculdade Metropolitana de Camaçari (Famec).

<sup>2</sup> Gil, Gilberto. **Louvação**. [S.I]: Universal; Philips, 1967. 1 CD (ca. 59 min). Faixa 12: Água de Meninos.

## Introdução

A Feira de São Joaquim é um dos lugares mais tradicionais da cidade de Salvador, Bahia. É um lugar que demonstra, de forma simples, como é o cotidiano de uma parcela importante da população baiana, lugar de trocas simbólicas, em que o ócio nega o negócio, e o negócio se reinventa numa dinâmica própria, fazendo do negociante um personagem autêntico de sua história. A Feira de São Joaquim pode ser analisada de diversas formas. Podemos compreendê-la como um espaço de troca e lucro, exploração e enriquecimento, um lugar de abastecimento, um ambiente formado por um conjunto de barracas que comercializam uma infinidade de produtos, uma pequena vila que lembra as cidades medievais do século XV, com vielas estreitas que se interconectam em um emaranhado de becos e pequenas ruas, formando, no sentido de Donald Pierson<sup>1</sup>, uma ecologia humana.

A ecologia humana, que se monta como um ecossistema de permutas, pode ser compreendida como uma abordagem sócio-histórica que busca desvendar os processos de trocas materiais e naturais entre o homem e a natureza. Esta relação incorpora análises sobre aspectos culturais da condição humana, sempre associando as incorporações do homem ao lugar, assim como o lugar ao homem. A Feira de São Joaquim, entendida como um ecossistema humano, é um lugar de múltiplas produções e reproduções culturais. Cada feirante ou transeunte pode ser visto como um personagem de uma história, marcada pela diversidade cultural de um estado, que, em algumas dimensões, sintetiza a história do Brasil em suas aproximações com o continente africano. Uma história de riqueza simbólica, mas também de desigualdades nas formas de apropriação do espaço urbano e nos acessos aos direitos sociais. Assim, a Feira de São Joaquim pode ser vista como um laboratório de pesquisa social compreensão da cultura baiana, e também recorte que demonstra como as lógicas de exclusão e inclusão social se manifestam em espaços resguardados por intensa síntese cultural.

Problematizar as diversas linguagens da Feira de São Joaquim é questionar como a cultura urbana e suas interlocuções com a constituição das múltiplas identidades figuram-se nesse espaço, que, pela presença marcante de matrizes étnicas negras pode ser entendido como um pedaço da África no Brasil. O recorte de análise cultural que sinalizaremos, com base em um olhar sobre a Feira São Joaquim – lugar de trânsito da africanidade —, permite-nos buscar aportes empíricos para refletir sobre as possíveis crises identitárias, circularidade entre culturas, assim como as mobilidades da identidade em contextos marcados pela “[...] inter-relação, intertextualidade e movimentos ascendentes e descendentes que se processam no interior de uma hierarquia de poderes” (TURA 2005 p. 45). Seguindo o indicativo metodológico da circularidade dialética, elaboramos esta pequena contribuição que, além de sistematizar alguns conceitos básicos para a compreensão da Feira de São Joaquim e suas interfaces com a cidade de Salvador, sinalizará elementos de problematização no que se refere à compreensão da cultura urbana e as lógicas associadas às constituições das identidades.

## Feira de São Joaquim como lugar

O incêndio ocorrido na Feira do Sete, em abril de 1934, pode ser considerado um marco histórico para a criação da Feira de São Joaquim, tendo em vista que a destruição do antigo aglomerado da Feira do Sete, obrigou a sua transferência para a enseada de Água de Meninos, na primeira me-

---

<sup>1</sup> Sociólogo norte-americano que nasceu em 1900 e faleceu em 1995. Obteve doutorado pela Universidade de Chicago, defendendo uma tese sobre as relações raciais na Bahia. Na Escola de Chicago, desenvolveu estudos no campo da Ecologia Humana, fundamentando-os com substrato crítico de diversas formulações no campo das relações entre natureza e cultura.

tade do século XX. Neste local, segundo a antropóloga Márcia Paim (2005), já existia uma feira itinerante. Assim, o que hoje chamamos de Feira de São Joaquim era antes denominado de Feira de Água de Meninos. A pesquisadora citada afirma que as diversas informações sobre as justificativas para essa nomeação foi objeto de estudo de vários autores. Afrânio Peixoto (1945), em seu *Breviário da Bahia*, afirma que a primeira sesmaria cedida para a Companhia de Jesus era denominada de Água de Meninos, daí o nome inicial da feira ter sido Feira de Água de Meninos; mais tarde, passou a se chamar Feira de São Joaquim, em homenagem ao santo.

Lançar o olhar sobre a Feira de São Joaquim e possibilitar inúmeras reflexões sobre nossas construções identitárias, sem perder de vista os vislumbres analíticos sobre as definições e distorções que temos em relação aos conceitos e categorias: cultura, etnia, identidade, território, sincretismo, etnocentrismo, pertença, etnografia, antropofagia, desamparo social, condição humana, estereótipos, representação e segregacionismo, entre outros termos. Analisar a Feira de São Joaquim é compreender as múltiplas linguagens, signos, mitos, ritos e representações dos elementos que formam este mosaico cultural. É uma possibilidade de nos perceber, daquele lugar, tendo em vista que o nosso processo de constituição social perpassa pelo interacionismo simbólico e cultural, tal como proposto por Joseph Ki-Zerbo (1982), que elabora nossas identidades sociais.

Na perspectiva de atualizar alguns conceitos que iremos utilizar na percepção da Feira de São Joaquim, inclusive na fundamentação da Feira como lugar, referenciamos, no Quadro 1, algumas definições, como forma de sedimentar orientações básicas para o nosso avanço na compreensão.

<p><b>CULTURA:</b> o conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização. Portanto, fazem parte da cultura de um povo as seguintes atividades e manifestações: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, entre outras. São práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço e se referem a crenças, comportamentos, valores, instituições e regras morais que permeiam e identificam uma sociedade. Explica e dá sentido a cosmologia social; é a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período.</p>
<p><b>ETNIA:</b> grupo social, pessoas que compartilham cultura, origens e história. Povo ou raça. A etnia representa a consciência de um grupo de pessoas que se diferencia dos outros. Esta diferenciação ocorre em função de aspectos culturais, históricos, linguísticos, raciais, artísticos e religiosos. A etnia não é um conceito fixo, podendo mudar com o passar do tempo.</p>
<p><b>IDENTIDADE:</b> características próprias e exclusivas de cada pessoa ou de um grupo de pessoas que se representam socialmente por práticas culturais e cotidianas similares. É uma categoria polissêmica (pode ser conceituada de diversas formas), mas nunca deve perder de vista os papéis sociais, as representações e a cotidianidade.</p>
<p><b>TERRITÓRIO:</b> na antropologia; não remete apenas a extensão de terra, como na geografia. Envolve demarcações objetivas e subjetivas, constituídas pelas narrativas culturais de um grupo social que possui práticas cotidianas próprias; serve como identificador social, marcado pelas linguagens e apropriações culturais.</p>
<p><b>SINCRETISMO:</b> sistema filosófico ou religioso que tende a se fundir numa ou em várias doutrinas diferentes, mantendo traços de sua origem; ecletismo religioso (catolicismo e candomblé). No sincretismo, há um processo pelo qual os elementos de uma religião são equiparados aos de outra religião, resultando em uma mudança na natureza ou nos princípios fundamentais dessas religiões.</p>
<p><b>ETNOCENTRISMO:</b> visão de mundo em que nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo, e todos os grupos são pensados e sentidos através de nossos valores, modelos e definições do que é existência. O etnocentrismo é a procura de conhecermos os mecanismos, as formas, os caminhos e as razões pelos quais tantas e tão profundas distorções se perpetuam no meio social.</p>

<p><b>PERTENÇA:</b> aquilo que faz parte de nós, nos pertence, é de nossa propriedade; atribuição. O conceito de pertença se constitui associado ao de identidade e território.</p>
<p><b>ETNOGRAFIA:</b> uma das várias ciências auxiliares de Antropologia. Mais particularmente, podemos dizer que a Etnografia é a ciência que estuda e descreve as linguagens culturais. Sendo assim, descreve e estuda o povo de um dado país, de uma dada província, de uma dada região, de uma dada comunidade etc.</p>
<p><b>ANTROPOFAGIA:</b> é, antes de tudo, um ritual que possui significados diferentes em culturas distintas. A palavra significa, literalmente, comer carne humana (antro = homem; fagia = ato de comer). Entre nossos índios, só se comia a carne dos inimigos bravos, valentes, “comendo-se” simbolicamente o valor do outro. A antropofagia pode ser também compreendida como reprocessamento cultural, em que um grupo assimila a cultura do outro, produzindo e reproduzindo desdobramentos culturais.</p>
<p><b>DESAMPARO SOCIAL:</b> consiste em uma situação ou condição social, em a pessoa se sente desamparada e não encontra ajuda, amparo, proteção, solidariedade. O desamparo se associa à fragilidade social face às condições materiais e imateriais de acesso a uma vida saudável. A vulnerabilidade social que se relaciona ao desamparo pode se associar a fatores econômicos, psíquicos, culturais e políticos que contribuem na montagem desta condição de fragilidade social. Exemplo desta situação: crianças de rua, mendigos, pedintes, idosos sem família etc.</p>
<p><b>CONDIÇÃO HUMANA:</b> formas de vida que o homem individual e coletivo impõe a si mesmo para sobreviver. Estas condições variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem é parte. A condição do homem moderno ou pós-moderno é repleta de significações características do próprio tempo existencial, seguindo dinâmicas do momento social. A condição humana econômica e suas formas de possibilitar o acesso ao mundo do consumo.</p>
<p><b>ESTEREÓTIPO:</b> construção social de imagem pré-estabelecida sobre uma pessoa. Em alguns casos, o estereótipo é associado ao estigma. Quando usado para definir e limitar a identidade de uma pessoa ou comportamento social, pode levar a equívocos graves, pois determinados grupos utilizam sua força ideológica para estereotipar grupos tidos como diferentes.</p>
<p><b>REPRESENTAÇÃO:</b> formas estabelecidas e constituídas socialmente em relação ao comportamento individual ou coletivo, que se caracteriza por guardar expressões características de um modo de ser estabelecido. A representação também remete ao sentido da ação que nossa dinâmica de vida pode assumir no imaginário das pessoas.</p>
<p><b>SEGREGACIONISMO:</b> separação social ou geográfica de determinada pessoa ou grupo de pessoas; marginalização espacial que remete à construção do <i>status</i> social da pessoa no grupo. Geralmente, a segregação é simultânea à exclusão social e introjeta na pessoa ou grupo a impossibilidade de acesso à sociedade de consumo.</p>

**Quadro 1 – Conceitos**

Fonte: Soares (2010, p. 58)

O conjunto de definições manifestas no quadro anterior contribui para a fundamentação do conceito de lugar como espaço materializado e imaterializado de demarcações identitárias, que se constitui pela produção e reprodução cultural. Deste modo, espaços sociais como a Feira de São Joaquim se elaboram simultaneamente com os sujeitos sociais, que expressam as representações religiosas, étnicas e de gênero, que coexistem em uma dinâmica própria de ordem e desordem. A Feira de São Joaquim como lugar se esboça de modo similar a uma colcha de retalhos, em que as particularidades que formam a diversidade não são diluídas, pelo contrário, afirmam-se como identidades mutantes, que montam um mosaico cultural de aparente desordem, que se subverte em ordem através da memória e do pertencimento daqueles indivíduos que vivenciam e, ao mesmo tempo, produzem o lugar.

A pesquisadora Nelma Barbosa (2009) afirma que o *lugar* é uma invenção concreta e simbólica do espaço, descoberta por aqueles que o reivindicam como seu espaço de reconhecimento individual. Na Feira de São Joaquim, isto é revelado tanto pelo comportamento como pelas palavras dos feirantes e comerciantes, que revelam, em suas próprias narrativas históricas, o pertencimento ao lugar. Assim, a Feira de São Joaquim, como lugar corresponde a um conjunto de possibilidades e sistemas de representação cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial, humano e social. Uma configuração cuja inscrição no território é compartilhada. No sentido de afirmação do lugar como reduto cultural, Marc Augé (1994) confronta o *lugar antropológico* (identitário, relacional e histórico) com o *não-lugar* de identidade provisória produzido pela supermodernidade. O primeiro nunca é completamente apagado; o segundo é destinado a passagem e, portanto, não simbólico. O espaço do viajante seria o arquétipo do não lugar destinado a certos fins (transporte, trânsito, lazer), lugares de uma tensão solitária.<sup>2</sup> A presença do passado que ultrapassa e reivindica o presente é a essência da modernidade, que não apaga os ritmos antigos, mas coloca-os em segundo plano.

No jogo da compreensão dos conceitos de lugar (relacional, humano, histórico) e não lugar (efêmero, fugaz, fugidio), brotam polêmicas que se expressam na possível “crise de identidade” montada com base nas fragmentações em torno no próprio conceito de sujeito pós-moderno e que se dissocia de contextos culturais tradicionais, sendo capturados pelas novas lógicas da indústria de padronização cultural. Assim, a Feira de São Joaquim, mesmo passando por gradativo processo de captura turística, pode ser analisada como um lugar de reduto de práticas que possibilitam maior conservação de valores tradicionais identitários.

### **Feira de São Joaquim: representações, personagens identidades e suposta baianidade**

A riqueza identitária da Feira de São Joaquim foi tema do filme a “Grande Feira”, nos anos 60, narrada em obras de Jorge Amado, pintada nas telas de Carybé e de diversos outros artistas, musicada por Gilberto Gil e Caymmi, fotografada por Sérgio Guerra e objeto de pesquisas e estudos.

A feira é um espaço de trânsito da suposta baianidade; seu cotidiano possui personagens que incluem desde o vendedor de frutas, quando diz “Olha a laranja, barata e gostosa”, ao vendedor de produtos religiosos, que prega “Cure o mal olhado com a garrafa de Manoel”, sem esquecer do repentista Alcides Matos, que é um dos maiores divulgadores das riquezas culturais da Feira de São Joaquim.

Refletir sobre a complexidade da Feira de São Joaquim é observar a espontaneidade dos rituais mais simples, a exemplo da forma que dona Maria trata o mocotó de boi que será vendido em sua barraca; é perceber que em um lugar marcado pela masculinização dos comportamentos, mulheres invertem a ordem e competem com homens, tanto na venda de produtos diversos como na peleja de atrair fregueses. Tudo isto nos conduz a discutir a identidade de gênero e os múltiplos papéis que homens e mulheres ocupam naquele espaço, que se elabora com um sistema de representações.

A Feira de São Joaquim, como um campo de representações e interacionismos, se constitui nas dinâmicas que operam o “eu” e o “outro”, na teatralização dos comportamentos cotidianos. Segundo Erving Goffman (1985), a representação do *eu* – A noção geral de que fazemos uma representação de nós mesmos para os outros – não é nenhuma novidade. O que deveria ser acentuado, para concluir, e que a própria estrutura do *eu* pode ser considerada segundo o modo como nos arranjamos para executar essas representações na nossa sociedade.

---

<sup>2</sup> Marc Augé (1994) definiu os não lugares como espaços de trânsito, passagem, em que os vínculos e experiência vivida não permitem a sua ligação consistente ao sujeito. O autor cita, como exemplos principais, os aeroportos e *shopping centers*, que criam sensação de solidão e similitude.

As dimensões culturais e simbólicas fazem parte da elaboração dos processos representacionais do indivíduo, em um movimento em que o *eu* se percebe a partir do *outro* e pelo *nós* que se representa na sociedade. Neste sistema de representações e constituições identitárias, a Feira de São Joaquim pode ser também compreendida como território onde transitam representações da baianidade, a se expressar tanto nas linguagens culturais e nos personagens daquele espaço como nas formas em que se elaboram os esquemas de expropriação e exploração de classe.

A baianidade deve ser compreendida como uma forma de representação honesta do comportamento do povo baiano, entretanto devemos romper com as especificidades das capturas da indústria cultural que adentra e cria ficticiamente modos de ser para atender aos pressupostos das tematizações turísticas, que, muitas vezes, congelam elementos e bens culturais para serem mercantilizados pelo exotismo pitoresco de um povo herdeiro de três raças. Neste sentido, Eneida Cunha (2007, p. 34), afirma que “[...] o êxito dos bens simbólicos elaborados a partir da afrodescendência e postos em circulação pela usina cultural baiana [...] não atenuam o racismo que se traduz – na Bahia e no Brasil – em marginalização, violência e até extermínio da população negro-mestiça e/ou pobre”.

A Feira de São Joaquim, sem dúvida, é um *campo*<sup>3</sup> percorrido pelas expressões de nossa baianidade, que deve ser entendida como uma forma de ser, como uma expressão de um *habitus*,<sup>4</sup> e pode ser utilizada como forma de romper os próprios estereótipos e estigmas lançadas sobre ela. A baianidade referida marca um “modo de ser confusional” como expressa Gey Espinheira (2001); a identidade conforma uma representação do “jeito” baiano que extrapola, muitas vezes, a realidade e se configura, muito mais, baianidade, em alguns momentos, foi equivocadamente construído com base na representação da Bahia como a terra da felicidade, festa, sol eterno, sexo calor, praia, carnaval, *axé music*, tolerância racial, cultural e religiosa etc. A busca da coerência em torno da baianidade não deve pretender a unidade de produção cultural, pelo contrário, deve buscar, nos conflitos e nas diferenças, as narrativas de uma constituição identitária.

Quando expressamos as singularidades da Feira de São Joaquim, apoiados em um desvelamento das singularidades na própria heterogeneidade que constitui as linguagens do lugar, tanto no plano econômico, religioso, como nas próprias representações da africanidade, esboçamos as matrizes para a compreensão da identidade cultural manifestada nesse espaço.

### **Feira de São Joaquim: um pedaço da África na Bahia**

O estudo da África e suas correlações com o Brasil desafiam interpretações sobre nossa própria identidade. Utilizar a Feira de São Joaquim como recurso empírico para a compreensão de nossa influência africana não é uma tarefa simples e demanda um diálogo interdisciplinar que evidencie a função das matrizes africanas na constituição das singularidades de nossa cultura.

Como parte indispensável para a compreensão da identidade brasileira, a história da África é também parte indiscutível para se refletir a história mundo.<sup>5</sup> Assim, a utilização da metáfora "Feira de São Joaquim um pedaço da África na Bahia" é coerente tanto no plano subjetivo como objetivo, tendo em vista que a Feira de São Joaquim exhibe uma presença marcante da população afrodescendente da cidade de Salvador, população que manifesta suas diversas linguagens culturais na culinária, religião, música, dança e até mesmo na forma de apropriação do espaço.

---

<sup>3</sup> De acordo com Pierre Bourdieu (1987), a noção de campo caracteriza certo domínio de concorrência e disputa interna que de faz também referencial.

<sup>4</sup> Para Pierre Bourdieu (1987) o *habitus* é constituído por um conjunto de disposições para a ação; é a história incorporada, inscrita no cérebro e também no corpo, nos gestos, nos modos de falar ou em tudo o que somos.

<sup>5</sup> A história da África é necessária à compreensão da história universal da qual muitas passagens permanecem enigmas obscuros enquanto o horizonte do continente africano não tiver sido iluminado (K-ZERBO, 1982).

A busca pelo deslocamento aproximativo África/Bahia, tendo a Feira de São Joaquim como recorte de análise, não segue o jogo das novas estratégias de se utilizar o “discurso da reafricanização” (RISÉRIO, 1981), como modismo do *city marketing* soteropolitano, que utiliza discursos temáticos para determinadas áreas da cidade com a perspectiva de fetichizar a cidade como mercadoria capturada pela indústria cultural, que exacerba a ritualização de africanidade sem respeito a memória, com o único interesse de venda comercial para um turismo sequioso e superficial.

Deste modo, o olhar voltado para a Feira de São Joaquim evocará sinalizadores sobre os diversos pontos de convergência e similitude entre os ritos do cotidiano da Feira de São Joaquim e a presença africana, respeitando a memória desse povo, a etnicidade, o sincretismo e as diversas identidades que podem se associar no mosaico simbólico da feira.

Com organicidade e dinâmica similar ao Mercado Roque Santeiro, localizado em Luanda na África, a Feira de São Joaquim se constitui em aglomerados de barracas que se espalham de forma desordenada e irrompida por vielas que comercializam uma infinidade de produtos, desde alimentos diversos a remédios, estes últimos clandestinamente. O Mercado de Roque Santeiro explicita o multiculturalismo e sua força identitária pela persistência e pelo pertencimento – elementos que o fazem sobreviver a guerra civil entre o Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional pela Libertação Total de Angola (Unita). Tanto a Feira de São Joaquim, na Bahia, como o Mercado Roque Santeiro, em Luanda, denotam que suas identidades espaciais e sociais são indispensáveis para dar coesão às relações e as formas de solidariedades que se estabelecem no ambiente da feira.

Considerar a Feira de São Joaquim um pedaço da África possibilita ampliar nossos horizontes interpretativos, ao mesmo passo que contribui para descolonizar a nossa consciência em relação a determinados estigmas atribuídos ao continente africano. A Feira de São Joaquim, entendida como um centro reprocessador de culturas, expressa, nos alimentos comercializados, nos comportamento de proximidade “epidérmica” entre os donos de barraca e fregueses, na venda de produtos religiosos e de imagens subvertidas de santos católicos e orixás, como a África se encontra presente no cotidiano da feira.

As obras de Pierre Verger (1992) e Roger Bastide (2001) demonstram as riquezas culturais e peculiaridades das feiras e dos mercados do Baixo Benin<sup>6</sup>, ao enfatizarem as redes de feiras constituídas com base na semana iorubá de quatro dias: *Ojó Awó* – dia do segredo, ou seja, de Ifá e Exu – corresponde a segunda-feira; *Ojó Ogum* – dia consagrado ao orixá Ogum, deus do ferro, associado aos princípios da tecnologia – corresponde a terça-feira; *Ojó Jakutá* – dia de Xangô, deus do trovão – quarta-feira; *Ojó Obatalá* – dia de Obatalá, deus do céu – este reverenciado às sextas-feiras. Nesses dias, segundo os autores citados, há maior dinâmica na circulação de mercadorias nas feiras. Acrescenta-se ainda que, embora a nomenclatura e o ciclo das feiras iorubanas<sup>7</sup> não tenham se tornado usuais na Bahia, existe uma sacralidade no uso dos orixás como elementos mitológicos definidores do tempo, denotando elementos que se expressam no mosaico cultural sincrético das inúmeras barracas de produtos da Feira de São Joaquim.

Um elemento definidor da relação de proximidade entre a África e a Bahia revela-se também nos alimentos vendidos e nos próprios hábitos alimentares dos feirantes. A feira é ponto de referência para os preparativos do caruru de Cosme e Damião, assim como ponto oficial de venda dos ingredien-

---

<sup>6</sup> O Benin (em francês *Bénin*) é oficialmente designado como um país da região ocidental da África. O baixo Benin é limitado ao norte pelo Burkina Faso e pelo Níger, a leste da Nigéria, a sul pela Enseada do Benine a oeste pelo Togo (BÉNIN..., 1998).

<sup>7</sup> Iorubanas é uma derivação do termo yorubá (Édè Yorùbá) idioma iorubá) constituem o segundo maior grupo étnico na Nigéria, representando 18% da população total. Vivem em grande parte no sudoeste do país; também há comunidades de iorubas significativas no Benin, Togo, Serra Leoa, Cuba e Brasil. Estes povos estão unidos por uma mesma cultura e tradições de sua origem comum. (BÉNIN..., 1998).

tes utilizados pela baiana de acarajé. Do camarão ao dendê, do quiabo à pimenta, a feira é requisitada tanto pela economia no preço como pela tradição do povo negro de comprar suas especiarias em espaços abertos, como os mercados de feiras.

A relação alimentar, como definidor cultural, mantém estreita vinculação com a religiosidade africana, que, certamente, desempenhou papel fundamental na manutenção dessas tradições tão corriqueiras na produção de uma baianidade honesta, em que existe, como prática simbólica, o oferecimento de alimentos aos orixás nos rituais das religiões de matrizes africanas. Para Roberto da Matta (1997), a comida (com suas possibilidades simbólicas) permite realizar uma importante mediação entre cabeça e barriga, entre corpo e alma, permitindo operar simultaneamente com uma série de códigos culturais que normalmente estão separados.

Como enfatiza Stuart Hall (2005), a identidade cultural enfatiza aspectos relacionados ao nosso pertencimento, via associação de traços étnicos, raciais, linguísticos, religiosos e alimentares, que revelam como as práticas são constructos definidores das características identitárias e culturais de um dado grupo social. Na Bahia em particular, as múltiplas identidades culturais se elaboraram tendo como matriz comum a influência africana, que se infiltrou nas práticas cotidianas mesmo daqueles que a repudiaram.

Assim, os elementos culturais originários da África se encontram reprocessados em nossa cultura, mas guardam a identidade africana, a se expressar, na contemporaneidade, nos batuques de uma musicalidade excêntrica, nos hábitos alimentares, no sincretismo tão recorrente no cotidiano baiano. Manifesta-se também nos contatos calorosos de proximidade dos corpos que se encontram e se tocam espontaneamente, exibindo gestos e simbologias próprias de um sistema de comunicação que se representa perfeitamente nas conversas de amigos que, além de falar com proximidade, precisam tocar no outro, evocando a dimensão “tátil”, que pode ser compreendida como uma possibilidade de unidade cósmica pelo contato corpóreo.

## **Considerações finais**

A Feira de São Joaquim é, sem dúvida, um dos retratos da Salvador que transita entre o antigo e o moderno, entre o sagrado e o profano, território, por definição, de trocas instrumentais e simbólicas; a feira é reduto de uma população afrodescendente, em sua maioria oriunda da cidade baixa. A feira, em sua dinâmica cotidiana, desvela a riqueza cultural da Bahia, assim como suas formas de exclusão e negligenciamento dos direitos sociais para a população mais pobre de Salvador. Ao explicitar elementos de uma cultura marcada pela heterogeneidade e por formas espontâneas e sociabilidade, a Feira de São Joaquim também se consagra como um lugar de possibilidades turísticas que, em algumas situações, não respeita as práticas culturais genuínas e resignifica apenas como um recorte de excentrismo cultural, situação utilitária que não deve ser legitimada pela sociedade soteropolitana.

Como expressão maior de um ecossistema de relações, a Feira de São Joaquim enaltece o pertencimento que seus comerciantes e fregueses possuem em relação ao espaço, situação que se expressa nos repentes de seu Alcides e na fala entusiasmada pelas boas vendas de dona Lourdes, que diz tirar seu sustento da feira há mais de 30 anos. Além de redutor de uma baianidade honesta, a feira é lugar em que centenas de pessoas retiram seu sustento. Um espaço em que a solidariedade e o fortalecimento da identidade do lugar e da população o dinamiza.

A Feira de São Joaquim é, sem dúvida, um pedaço da África na Bahia, e isto valoriza não apenas o povo africano como também o brasileiro e o baiano, que possuem em sua origem uma expressiva influência africana, quer seja nos hábitos e gestos mais singelos do dia a dia, quer seja nos sistemas simbólicos mais complexos e ritualísticos, como o sincretismo e os rituais de santos, tão praticados na Bahia. Perceber a feira como laboratório de experiências humanas possibilita uma leitura mais verdadeira dos processos que constituem a nossa identidade social e individual e nos convida



ao deslocamento e ao movimento da alteridade, processos que podem conduzir à diluição de alguns preconceitos que ainda predominam em uma sociedade classista e eurocentrada que insiste em existir, mesmo estando erigida sob as matrizes africanas.

## REFERÊNCIAS

AUGE, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papyrus, 1994.

BARBOSA, Nelma Cristina S. **Um texto identitário negro**: tensões e possibilidades em Cajazeiras, periferia de Salvador (Bahia). 2009. 234 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**: rito nagô. Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENIN Information. General information for Bénin. **Art & life in Africa online**, Oct. 1998. Disponível em: <<http://www.uiowa.edu/~africart/toc/countries/Benin.html>> Acesso em: 10 abr. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CUNHA, Eneida Leal. Dentro e fora da nova ordem mundial: a cor da paisagem da cidade. In: GOMES, R.C; MARGATO, I. **Espécies de espaços**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 31-46.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ESPINHEIRA, Gey. **A cidade invisível e a cidade dissimulada**. Comunicação apresentada no 1º Ciclo de Palestra do projeto Quem Faz Salvador. Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 15 jan. 2001.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1985.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2005.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução geral. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África - I**. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982. p. XXXI-LVII.

PAIM, Márcia Regina da Silva. **Do sete a São Joaquim**: o cotidiano de "mulheres de saia" e homens em feiras soteropolitanas (1964-1973). 2005. 149 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. São Paulo: Agir, 1945.

RISÉRIO, Antonio. **Carnaval Ijexá**: notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afrobaiano. Salvador: Corrupio, 1981.

SOARES, Antonio Mateus. **Sociologia & Sociedade**: tema, teoria e conceito. Salvador: Fast Design, 2010.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas. In: LOPES, Alice; MACEDQ, Elisabeth (Org.). **Currículo**: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2005. p. 150-173. (Série cultura, memória e currículo).

VERGER Pierre. **Mercado africano - 1952**: contribuições ao estudo dos mercados do Baixo Benin. São Paulo: Corrupio, 1992.